

O GRAFITE NA ACADEMIA: OUTROS MODOS DE RESISTÊNCIA NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO

Ana Cláudia Martins de Oliveira ¹

Ana Cláudia Dias Ribeiro ²

RESUMO

Neste artigo discute sentidos produzidos pelo grafite, por ser essa arte um modo de denúncia social e de resistência às posições opressoras e hegemônicas. Considerando que os grafites são demarcados como fenômeno social de intervenção e de proposição de uma nova linguagem estética na e para a cidade, optamos pelos pressupostos da Análise de Discurso francesa por ela destacar que os processos constituintes da prática da linguagem e da produção de sentidos são histórico-sociais e o discurso, efeito entre os interlocutores. Desse modo, nosso corpus é constituído pela fotografia de um grafite localizado numa das paredes de uma universidade federal da região Norte. Desse modo, nosso referencial teórico-metodológico ancora-se em pressupostos da Análise de Discurso, principalmente de autores como Orlandi (1988, 1998, 2001, 2015) e Pêcheux (2014), pois trazem o discurso como materialização de ideologias, o qual se materializa na língua, por meio de enunciados que apontam formações discursivas, ideológicas e imaginárias, nas relações parafrásticas e polissêmicas acionadas pela memória discursiva, mobilizada na produção dos enunciados e dos sentidos. Nessa linha, os sentidos de um discurso não se fecham em si mesmos, visto que, na perspectiva pecheuxtiana, o efeito de unidade de um texto desaparece, já que os sentidos não ficam enclausurados apenas nas palavras. Dados os dispositivos analíticos acionados no decorrer da formulação deste artigo, nossa análise aponta como o ambiente escolhido para circulação do grafite, objeto deste estudo, implica modo de resistência à ideologia dominante na esfera política e acadêmica do momento presente brasileiro.

Palavras-chave: Análise do discurso, Arte de rua, Grafite, Resistência.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tomamos como objeto simbólico um grafite que se encontra na parede de um bloco da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *campus* Araguaína, em frente ao restaurante universitário. Na perspectiva discursiva, forma e conteúdo são inseparáveis, assim buscaremos compreender “o acontecimento do significante em um sujeito afetado pela história” (ORLANDI, 2015, p.17). Assim, cabe aqui algumas reflexões introdutórias: a que tipo de leitor o grafite se direciona? Em que momento histórico ele foi produzido? Que ideologias podem estar presentes nessa construção? Quais as formações discursivas estão evidenciadas no grafite? Em qual ou quais ideologias se inscreve?

As considerações a serem feitas neste exercício partirão da Análise de Discurso de base francesa, fundada em Pêcheux (1969). Como encontrado em Orlandi (2015) a Análise de

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura – PPGL/UFNT. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PGE/UFT, acmartins2008@gmail.com

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura – PPGL/UFNT. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – UNIR, ana.ribeiro@ifro.edu.br.

Discurso não busca o sentido verdadeiro, mas o real sentido em sua materialidade histórica e linguística, é isso que buscaremos fazer neste trabalho, uma tentativa de estabelecer o sentido real da imagem do grafite na parede da UFT.

A arte do grafite é uma forma de manifestação artística em espaços públicos, a qual, segundo Orlandi (2004) a parede assume para o pichador, uma página em branco, na qual eles se inscrevem simbolicamente, em busca por um vínculo social. Além disso, para alguns, é considerado como uma arte urbana, onde os silenciados encontram seu lugar de eco, podem ser “ouvidos”, por meio da sua arte. Lugar de crítica social (SANTOS, 2010). O grafite em questão encontra-se em um espaço para o qual foi autorizado e, visivelmente, configura uma função política. É uma arte resultante da relação do “sujeito com ‘seu’ mundo, com ‘sua’ comunidade, face ao modo como a sociedade (que não o considera) o significa” (ORLANDI, 2004, p.110).

Para Gitahy (1999, p. 17-8) o grafite tem duas características principais, a de ordem estética e a de ordem conceitual. No campo da estética ele apresenta expressão plástica figurativa e abstrata, utiliza-se do traço e/ou da massa para definição de formas; apresenta uma natureza gráfica e pictórica, fazendo uso de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas ou criações do próprio artista.

No que tange ao campo conceitual ele é subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero, além de discutir e denunciar valores sociais, políticos e econômicos com humor e ironia. Além disso, o grafite apropria-se do espaço urbano a fim de discutir, recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da cidade. Ao mesmo tempo, ele democratiza e desburocratiza a arte, trazendo-a para próximo do homem, sem distinção de raça ou de credo (GITAHY, 1999, p. 17-8).

A partir de noções basilares da Análise de Discurso pecheuxiana, lançaremos o olhar sobre o objeto de análise, focando nos efeitos de sentido veiculados. Sendo assim, os objetivos do estudo são: analisar a materialidade apresentada para fazer parte deste estudo, por meio da construção de um dispositivo teórico e analítico com noções fundamentais da AD, tais como Condições de Produção, Formação Ideológica, Interdiscurso e Memória Discursiva.

Os sentidos para a AD são constituídos a partir de processos de transferências aos quais não há como controlar, pois, são jogos simbólicos, sendo marcados pela presença e trabalho da ideologia e do inconsciente (ORLANDI, 2015).

Analisar um objeto simbólico é tarefa complexa, pois é preciso analisar o/s discurso/s que se materializam por meio dele. Sendo que “a interpretação do analista tem de levar em

conta o movimento de interpretação inscrita no próprio sujeito do discurso” (ORLANDI, 2001, p. 83). Assim, podemos dizer que o trabalho do analista é compreender o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentidos. Sob a perspectiva do discurso, o grafite não é uma unidade fechada, pois ele tem relação com outros textos e como dito anteriormente, com as condições de produção, com a interdiscursividade e com sua exterioridade discursiva.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para Pêcheux (1988) o discurso é o lugar onde se entrelaçam a língua, a história e o sujeito. Texto e discurso não se confundem em AD, já que texto é a materialidade e discurso é o sentido dessa materialidade. A língua tem, na concepção do autor, a sua materialidade discursiva. No momento em que o discurso se materializa por meio do enunciado há que se considerar as condições de produção desse discurso. E esse discurso, não é vazio e não surge do nada (ORLANDI, 1988).

Para que o objeto simbólico passe a ter sentido é necessário mobilizar a compreensão que se tem sobre o sentido do/no discurso. Para Orlandi (2015) o sentido está além e aquém das palavras e é determinado pelas posições ideológicas do processo sócio histórico em que as palavras são produzidas. Além disso, o sentido está sempre em movimento, significando sempre e de maneiras variadas, não se admitindo que a mensagem tenha um sentido encerrado.

Sob a perspectiva de Orlandi (2015) o texto é uma unidade complexa e heterogênea na qual a discursividade se materializa. A autora destaca ainda que essa heterogeneidade se refere à natureza dos diferentes materiais simbólicos, das linguagens e das posições do sujeito.

Ainda conforme a autora, “as palavras falam com outras palavras” (ORLANDI, 2005, p.43). Em Pêcheux (1969[2014]) é possível observar a linguagem e a prática social em funcionamento. No caso do grafite, vemos um sujeito atravessado por outras memórias discursivas e imaginárias que também acionam as condições de produção de discurso, além das relações e inter-relações que os discursos estabelecem entre si. O sujeito aciona memórias outras, dentre elas o sentido e o significado de escravidão e libertação dessas, representados pela corrente quebrada, sujeito livre, contudo aprisionado pela mudança da escravidão dos séculos anteriores para o aprisionamento do regime militar aqui representado pela imagem do homem/militar ao lado da mulher afro.

A interpretação vai depender de como o sujeito/leitor compreende o significado/sentido das algemas quebradas, do militar ao lado da escrava “liberta”. Analisando o grafite vemos em suspenso os orixás no entorno, representando a religião dos afros descendentes. A imagem traz também outros elementos para a nossa análise, armas utilizadas pelos povos indígenas e pelos povos medievais, de maioria nórdica.

A imagem é representada em uma parede de uma Universidade Federal, em um local de grande circulação de sujeitos, inscritos nas mais diversas ideologias, ela foi pintada em um fundo vermelho. Cabe ao sujeito interpretante identificar os não ditos do grafite a partir de formação imaginária e de sua capacidade discursiva em acionar as inter-relações que os discursos do grafite estabelecem entre si.

Neste sentido, é importante considerar que um texto é atravessado por diversas formações discursivas (ORLANDI, 2005). Para Pêcheux (1969[2014]) elas se realizam na exterioridade, por meio da materialidade discursiva que em sua ótica é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido, nesse aspecto, destacamos nessa perspectiva do autor o interesse da Análise de Discurso (AD) pelo modo como o texto significa e é constituído.

A partir dos dispositivos analíticos apresentados até o momento, podemos engendrar possibilidades de análise a partir da ideologia na qual o sujeito enunciador se inscreve. Começamos pela cor escolhida para envolver, abraçar as personagens do/no grafite e os objetos em seu entorno.

Procederemos a análise a partir da perspectiva de Michel Pastoureau (1997), em seu dicionário das cores do nosso tempo e também do livro “A psicologia das cores” de Eva Heller (2014). Segundo Pastoureau (1997) o vermelho remonta desde o tempo paleolítico, as primeiras grafias/desenhos/grafites encontradas eram no tom vermelho. Aqui vamos nos ater à sua simbologia política. Essa é a cor dos reis, poderosos, papas. Simboliza riqueza, poder, luxo. Haja vista, o tapete vermelho no Oscar. Mas, como essa cor passou a representar movimentos sociais? Socialismo? Comunismo? Ao ponto de compor a bandeira de países tidos e ditos como socialistas?

Pastoureau (1997), nos relata que o vermelho passou a simbolizar o Partido Comunista na Europa, a partir da Revolução Francesa. O autor diz que no ano de 1789 a assembleia constituinte francesa decretou que bandeiras vermelhas seriam colocadas nas ruas, para indicar que as manifestações públicas estavam proibidas e que a polícia interviria a qualquer sinal de manifestação. O que levou a burguesia a se apossar, aos poucos, do movimento em proveito próprio, excluindo as classes pobres de participar das decisões, tirando assim seu poder.

Conforme o mesmo autor, no ano de 1791, em 17 de julho, milhares de parisienses se reuniram no Campo de Marte, para exigir a saída e destituição definitiva do rei Luís XVI. Tal manifestação levou o prefeito de Paris a hastear uma grande bandeira vermelha, no intuito de dizer aos manifestantes que se mantivessem longe das ruas ou a polícia atacaria a todos.

Contudo, o povo não se intimidou e tomou a praça. A polícia investiu contra os manifestantes, sendo mortos mais de 50 deles. Devido a esse fato, houve, a partir de então, uma “surpreendente inversão” simbólica. Desde então, a mesma bandeira vermelha que foi usada para reprimir e impedir o povo francês de se manifestar, em homenagem ao sangue daqueles 50 mortos naquela data, passou a ser o emblema do povo oprimido e da revolução (PASTOUREAU, 1997).

Por esse motivo, todos os revolucionários do mundo adotaram o vermelho em suas bandeiras. Não precisamos citar aqui, quais os países e partidos assumiram essa cor em suas bandeiras pelo mundo. Muitos são conhecidos de todos.

Na psicologia das cores, Heller (2014) apresenta o vermelho como a cor dos nobres e dos ricos. Referindo-se a ela como a cor da alegria, da paixão, do calor, da energia, do desejo, da felicidade, sendo esses os sentimentos despertados em seus expectadores ao ter contato com o vermelho. Também é a cor da guerra, da agressividade. A bandeira que representa a paz é a branca não a vermelha. Esta representa resistência, luta, liberdade, trabalhadores, comunismo, dentre outros.

De posse dessas informações voltemos ao nosso exercício de análise, o que essa cor representa no objeto simbólico em estudo. Sócio ideologicamente, podemos dizer que há no discurso a ideologia de esquerda representante de minorias, por meio da cor vermelha, que como tão bem explicitou Pastoureau (1997) e Heller (2014) simboliza movimentos sociais, resistência e luta. Esse grafite representa, portanto, um grito de luta e resistência ao que está acontecendo na sociedade, atualmente, mais precisamente, após a tomada de poder de um governo de direita.

Conforme Orlandi (2015, p. 66) a AD “visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos”, sendo assim, começamos a perceber a construção de sentido do grafite. Consideraremos nesse exercício de análise as condições de produção, o modo de circulação, a formação discursiva na tentativa de possíveis gestos de análise.

O modo de produção do discurso está posto na sua escolha do local de circulação do discurso. É no interior de uma Universidade Federal, onde, pelo presente momento político, temos um presidente da república de extrema direita, conservador e nacionalista, vivencia-se um embate ideológico entre a direita e a esquerda que reverbera em todos ambientes sociais.

A missão da universidade não é apenas de possibilitar aos alunos a obtenção de um diploma, mas principalmente, possibilitar aos alunos desenvolvimento do pensamento crítico diante da realidade social para que haja um avanço científico, tecnológico e cultural. Assim sendo, vemos que ao utilizar a parede da universidade para manifestação do discurso temos uma ressignificação do ambiente acadêmico. Uma vez que no Brasil o movimento estudantil brasileiro, tornou-se um dos movimentos sociais de maior expressão no século XX, a partir da criação da UNE (União Nacional dos Estudantes) em 1937, formados por estudantes do ensino superior. Desde então os estudantes tiveram participação em diversos momentos importantes da história do país. Nota-se a utilização do ambiente universitário enquanto lugar de embate de ideias e ideologias.

Há que se considerar, também, a materialidade discursiva que compõe o grafite, nesse caso, linguagem não verbal e as condições sócio históricas de seu aparecimento. De início, pode-se dizer que apareceu no século XXI. O grafite no muro da Universidade mobiliza de forma inconsciente, um saber já-dito ao fazer uso da linguagem não verbal. Esse saber é atualizado a partir da imagem, além disso, esse saber foi formulado em outro espaço e cenário discursivo, acionando assim, a memória discursiva, por meio do interdiscurso, a paráfrase e a polissemia.

Para Orlandi (1998) a paráfrase apresenta-se como o mesmo e a polissemia como o diferente. Em que a paráfrase é vista como uma produção dos efeitos do sentido na memória do dizer. Um retorno ao já dito inscrito na história em outro momento, possibilitando a ancoragem do interdiscurso, pertencendo à ordem da memória discursiva.

A polissemia se apresenta como o diferente, nesse aspecto ela se apresenta como uma ruptura, um deslocamento. Apresentando possibilidades de (re) significação em contato com o simbólico nos discursos. É o sentido outro. Esse processo de (re) significação não se prende há um único sentido.

Desse modo, mobilizaremos as noções de polissemia e paráfrase como dispositivo de análise, na seção a seguir.

O GRAFITE E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

Imagem: Grafite



Fonte: Ana Cláudia Ribeiro

A paráfrase é facilmente identificada no grafite, quando o sujeito-autor mobiliza seus conceitos sobre escravidão, liberdade à escravidão e regime militar, fazendo uso da polissemia para propor um deslocamento e uma ressignificação desses conceitos, usando tais significados e propondo um sentido outro com as armas e o fundo vermelho, ressignificando seu uso, simbolizando assim, um retorno à resistência, à luta armada, a partir do uso de outras armas, sendo o grafite uma delas, como fonte de denúncia e resistência.

Para Pêcheux (1969 [2014]) um discurso é sempre pronunciado a partir de dadas circunstâncias. Assim os discursos presentes no objeto simbólico em análise são determinados pelo momento histórico que o país atravessa, demonstrados pelo fato de colocar uma afro descendente ao lado de um militar. Demonstrando assim, a repressão sobre os sujeitos afros, que se libertaram da escravidão, mas são reprimidos pela sociedade, a partir da sua religião, da sua origem, negra, dos seus orixás.

Uma outra leitura possível, analisando os objetos no entorno dos sujeitos da imagem, uma vez que o grafite traz armas indígenas e armas medievais, é o fato de no Brasil não haver pureza de raça, somos miscigenados e essa mistura faz com que o militar reprima também seu irmão de origem, a partir das misturas multirraciais existentes no País. Não há muita mudança entre o regime escravocrata e o regime militarizado que vivemos no momento, as minorias sempre serão silenciadas, ameaçadas, seja pelas suas condições sociais ou pela sua religião.

Quais memórias discursivas os sujeitos terão que acionar para que o discurso do grafite fique inteligível? Para que o discurso tenha sentido e signifique ao sujeito/leitor precisamos acionar algumas memórias discursivas, dentre elas o significado de escravidão, libertação, ditadura, regime militar, religião afro descendente. A partir dessas memórias outras o grafite passa a significar, a ter sentido, saindo do simbólico e assumindo sua função, de criticar as questões postas pela sociedade conservadora da atualidade, que reprime, que silencia, que leva ao negro/afro descendente mais uma vez a ter que resistir e lutar, a ter voz.

Outro conceito de que a teoria discursiva pecheuxiana faz uso é o de ideologia. Implicando, nesse caso, nas formações ideológicas, nas quais o sujeito do discurso se inscreve. É a ideologia que vai fornecer as evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente dizem. “(...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, etc., não existe “em si mesmo”, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (reproduzidas)” (PÊCHEUX, 1988, p.160).

Dessa maneira, esse mesmo grafite visto por sujeitos que estejam filiados a uma formação discursiva onde predomina a ideologia de direita, poderá suscitar outras interpretações como, por exemplo, de que se trata de um discurso de “vitimismo” da esquerda. Do ponto de vista ideológico, que para Pêcheux (1969 [2014]) representa uma relação imaginária dos indivíduos com sua existência. Nesse caso o grafite seria representação do vitimismo, mi mi mi de algo já superado.

Para Pêcheux as condições de produção determinam o processo de significação desse discurso. Sendo produzido em dadas circunstâncias ele passa a significar, a ter sentido a partir do lugar da fala do sujeito. O grafite encontra-se estrategicamente posicionado, na parede em frente à entrada do restaurante universitário, onde há um grande fluxo de pessoas, não sendo possível precisar a data da sua criação e/ou início da circulação.

Sob o aspecto da análise de discurso, há presente nesse texto o interdiscurso notadamente destacado pelos vários elementos que constituem o grafite. Elementos de guerra, elementos religiosos, elementos de outras culturas. O interdiscurso é acionado pela formação discursiva do sujeito (PÊCHEUX, 1969 [2014]). Possa ser que o sujeito que não conheça os elementos da religião presentes na imagem, nem se dê conta desse sentido ali representado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já citado anteriormente, os sentidos de um discurso não se fecham em si mesmos, dados os dispositivos analíticos acionados no decorrer desse trabalho. Enfim, na perspectiva pêcheuxtiana, o efeito de unidade de um texto desaparece, pois os sentidos não ficam enclausurados apenas nas palavras, há determinação histórica nos sentidos.

Cabem aqui inúmeras interpretações discursivas, diante da opacidade da linguagem, pois o discurso em si não se fecha. Com outros sujeitos leitores, o grafite poderá adquirir sentidos outros que esses levantados nessa análise, de acordo com constituição dos sujeitos, mediante sua historicidade e inscrição ideológica, visto a utilização do ambiente universitário enquanto lugar de embate de ideias e ideologias.

REFERÊNCIAS

- HELLER, E. **Psicologia das Cores**; como as cores afetam a emoção e a razão. Editorial Gustavo Gili SL, 2014.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. Ed.Cortez. UNICAMP, 1988
- ORLANDI, Eni. (Org.). **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998
- ORLANDI, Eni. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 3ª ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2001.
- ORLANDI, Eni. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes. 2004.
- ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- PASTOUREAU, M. **Dicionário das cores do nosso tempo**. Lisboa (Portugal): Estampa, 1997.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **IV. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)**. In: Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux / organizadores Françoise Gadet; Tony Hak; tradução Bethania S. Mariani... [et al.] – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso (1975)**. 4. ed. Campinas SP: Unicamp, 2014.